

A CONJUNTURA NO ESTRANGEIRO

ESTADOS UNIDOS

QUEDA NO RITMO DOS NEGÓCIOS

Os prognósticos que formulamos no começo do ano (ver "CONJUNTURA ECONÔMICA", Ano III, nº 1) foram cedo confirmados pelos acontecimentos. O movimento dos negócios afrouxou sensivelmente; grande número de indústrias de artigos manufaturados revela decréscimo na produção; aumenta o desemprego e os preços estão caindo.

Alguns dados estatísticos de fim de fevereiro e do mês de março, que aqui reproduzimos, caracterizam a situação: o número de vagões carregados nas estradas de ferro é inferior em 13% ao da mesma época do ano passado e 26% abaixo do máximo registrado em 1948. As falências - embora escassas em número absoluto - são de frequência 64% mais elevada que há um ano. O número de desempregados atingiu, em fevereiro, 3,2 milhões - 600 000 mais do que em 1948 - verificando-se novo aumento em março, sem contar o meio milhão de mineiros em greve.

BAIXA DOS PREÇOS

Generalizou-se a baixa dos preços. O índice geral dos preços de atacado - pouco sensível, pois compreende mais de 800 itens - era em 1º de março apenas 1,6% mais baixo do que em março de 1948, porém 6,5% inferior ao máximo de 1948. O recuo é muito mais acentuado nos produtos agrícolas, cujo índice de preços se situa 11% abaixo do da época correspondente e 16% abaixo do máximo do ano passado.

O mais atingido foi o grupo dos produtos alimentícios. O preço do algodão manteve-se graças às exportações, mas o consumo interno é muito inferior ao do ano precedente. A lã está em baixa. Os metais, que em 1948 acusaram forte alta, sofreram também um recuo, sendo este de 10% para o chumbo e de 9% para o zinco.

Nas indústrias de artigos manufaturados e, especialmente, na de aparelhos domésticos, a queda dos preços foi drástica, atingindo até 20% e mais, sem causar, no entanto, grande efeito sobre as vendas, de vez que o público, em parte afetado nos seus rendimentos pela suas compras, à espera de novas reduções. Em certos setores, como na indústria de automóveis, onde a procura ainda é grande, a

diminuição dos preços, de 5 a 15%, é de caráter antes preventivo, ou significa simplesmente uma concorrência mais cerrada.

CAUSAS DO RECUO

Sob o aspecto histórico, a recessão atual assemelha-se à longa série de reações depressivas que se repetem com grande regularidade todos os 9 a 11 anos, tendo a última ocorrido em 1938. A guerra, ou melhor, a fixação rigorosa dos preços, alterou durante algum tempo esse ritmo, mas de forma alguma pôs termo à periodicidade do movimento econômico.

Quanto às causas imediatas da reação atual, existe naturalmente grande margem para diversas explicações. Alguns observadores enxergam a causa principal nas variações do comércio internacional. As exportações dos Estados Unidos em 1948 diminuíram de 18% (12,6 bilhões de dólares, contra 15,3 bilhões em 1947), enquanto as importações aumentaram em 23% (de 5,7 para 7,1 bilhões). As exportações para a Europa baixaram em 25%, apesar do Plano Marshall. Deduzindo-se as exportações gratuitas a título do Plano Marshall e outros auxílios a países estrangeiros, no total de 6 bilhões de dólares, a balança comercial dos Estados Unidos, em 1948, acusou pequeno saldo passivo, sendo de prever um deficit crescente para o ano em curso.

Outros economistas consideram o recuo dos preços como consequência inevitável da política deflacionista do governo. Enquanto o valor da produção nacional aumentou, em 1948, cerca de 10%, e o volume físico, 2,3%, o meio circulante decresceu de 644 milhões (-2,2%) e a moeda escritural, de 1,3 bilhões de dólares (-1,5%). Segundo essa teoria, o fator mais decisivo foi a elevação dos depósitos obrigatórios - "reserve requirements" -, que reduziu a capacidade de empréstimo dos bancos em cerca de 3 bilhões de dólares. A tal argumento, deve-se objetar que, mesmo em 1948, a velocidade da circulação monetária foi ainda bem inferior à verificada nos períodos anteriores de prosperidade.

MEDIDAS PREVENTIVAS CONTRA A DEPRESSÃO

O governo norte-americano até hoje defende a tese de que não existe uma verdadeira crise e que, por conseguinte, não se fazem necessárias medidas anti-deflacionistas de grande envergadura. Uma intervenção dessa natureza só seria indicada se o número de desem-

pregados se elevasse a 4 ou 5 milhões. Todavia, no sentido de estimular as compras, foram adotadas duas medidas visando a expansão do crédito.

A primeira diz respeito às vendas a prestação de bens duráveis de consumo - automóveis, móveis, aparelhos domésticos - no comércio a varejo ("installment credit"). O prazo máximo do crédito, até agora de 15 a 18 meses, foi estendido para 21 meses, e o mínimo do pagamento inicial, reduzido de 20 a 15%, com exceção dos automóveis, para os quais continua em vigor o mínimo de 33 1/3%.

A segunda consiste em reduzir de 75 para 50% o pagamento obrigatório para a aquisição de títulos ("margin requirements"). Anteriormente às reformas bolsistas do Presidente Roosevelt, a parte obrigatoriamente pagável era muito baixa: 20 a 30% do preço das ações. O resto era financiado pelos corretores ("brokers loans") e, indiretamente, pelos Bancos Federais de Reserva. A fim de combater "a especulação com dinheiro alheio", a taxa foi gradualmente elevada a 75% e, em janeiro de 1946, a 100%. No começo de 1947, quando o mercado de Wall Street se tornou fraco, foi novamente permitido o financiamento por meio de empréstimos dos corretores, na proporção de uma quarta parte do preço.

A nova regulamentação, que permite a compra de ações mediante o pagamento efetivo de metade do preço, provocou, durante alguns dias, uma alta, mas não determinou nenhuma mudança duradoura da tendência.